



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A CIDADE ANTIRRACISTA COMO HORIZONTE PARA DEMOCRATIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

RANIERI BARBOSA ELIZIÁRIO¹

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento e parte da necessidade de advogar não apenas pelo incremento de políticas públicas que possam mitigar os efeitos da segregação do espaço em contexto neoliberal, mas também contribuir com entendimento refletido no ambiente urbano em contexto histórico-geográfico, de matriz colonial escravocrata. Busca contribuir no debate acadêmico no campo do planejamento urbano abordando a sua correlação entre os fatos da raça e os fatos da classe em uma leitura crítica à ortodoxia marxista. Assim, visa ampliar um novo campo de investigações, com novas perguntas, revelando que padrões de segregação adotados pela cidade historicamente não se impuseram apenas como uma questão de classes sociais, mas também no âmbito racial e na produção da subalternidade. Busca no campo empírico a justificativa para a defesa de uma racialidade na leitura de espaço urbano nas cidades brasileiras, partindo não apenas de um recorte de classe mas também se esforça a responder os padrões raciais segregatórios constitutivos da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Urbanismo; Relações de Poder; Raça.

INTRODUÇÃO

Este ensaio busca aprofundar o debate teórico e empírico sobre a correlação entre cidade e raça e seus reflexos na constituição da vida urbana, que de forma explícita ou sutil fazem parte de um projeto de hierarquização de espaços e exclusão racial em escala global. Parte da necessidade de advogar não apenas pelo incremento de políticas públicas que possam mitigar os efeitos da segregação do espaço em contexto neoliberal, mas também contribuir com entendimento refletido no ambiente urbano em contexto social-histórico, de matriz colonial escravocrata. Visa contribuir para possibilidade de novas molduras para o contexto social urbano nas cidades brasileiras.

A justificativa para a defesa de uma racionalidade na leitura de espaço urbano nas cidades brasileiras parte não apenas de um recorte de classe ao reconhecer a incapacidade generalizada do Estado no desenvolvimento de políticas urbanas em resposta à crescente demanda por serviços e melhorias no bem-estar social. A discussão de uma cidade étnica, produzida sobre uma estrutura desigual do ponto de vista étnico e segregada no campo urbano, são particularidades a ser exploradas através da identidade produzida pelos espaços e territórios nas cidades. Palco onde ocorrem os

¹ Mestrando no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). E-mail: amaistecnologia@gmail.com.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

conflitos de segregação, em que a população negra em busca de territórios para sua moradia percebe que a regra da cidade era *bem clara*, fato que constituiu e perdura nas cidades brasileiras. Este processo tem como consequência múltiplas formas de desterritorialização e exclusão de grupos sociais, onde a clivagem étnica é usada como ferramenta na manutenção de uma agenda racial fundada na sociedade colonial europeia. Tal afirmação pode ser constatada a partir do mapeamento empírico de indicadores de ocupação do território urbano por raça. Assim começa a se descortinar um novo campo de investigações, com novas perguntas, revelando que padrões de segregação adotados pela cidade historicamente não se impuseram apenas como uma questão de classes sociais, mas também no âmbito racial e na produção da subalternidade.

Dentro desta temática, o trabalho tem também como possibilidade de estudo outros aspectos relacionados à formulação de políticas públicas de reparação, na habitação de interesse social e na questão étnico fundiário, entendendo a dinâmica da ocupação negra nos diferentes períodos da formação das cidades trazendo entendimento aos conflitos contemporâneos relacionados à posse e à propriedade da terra.

Diante deste contexto, este ensaio busca trazer para o debate a dinâmica da forma urbana com foco na relação entre raça e cidade em busca de uma urbanidade racial democrática.

A CONSTRUÇÃO TEÓRICA

Os deslocamentos humanos, forçados ou não, representam na história da nossa modernidade um fenômeno em escala mundial. Dados sobre a urbanização nesta escala apontam um vetor que se direciona do campo para as cidades e, em consequência deste êxodo, as cidades serão responsáveis por quase todo crescimento populacional do mundo, cujo o pico provável é de cerca de 10 bilhões de habitantes e espera-se que aconteça em 2050². Apoiado nesta afirmação não restam dúvidas de que a sociedade

² LUTZ Wolfgang, SANDERSON WARREN, SCHERBOV Sergei, 1997, Doubling of World Population Unlikely, *Nature*, (387), pp.803-805.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

industrial se organiza na forma urbana e seu horizonte é a cidade. Afirmar que o horizonte pretendido é a cidade não exclui o campo, e no sentido de uma base geográfica não se desassocia dos fluxos que são alcançados pela cidade.

Nas ciências sociais, para situar as condições nas quais se colocam as cidades no século XIX, surgem os pré-urbanistas e os primeiros ensaios sobre cidade e o ambiente urbano. De fato, segundo Françoise Choay (1965), a palavra urbanismo é recente. G.Bardet remonta sua criação a 1910, e o dicionário Larousse define-a como a “ciência da localização humana”, entretanto, não será discutido aqui a ambiguidade em torno desta definição, tampouco o poder dos urbanistas³ que se choca com o padrão econômico-administrativo de herança primitiva. Ora, o que se pretende é discutir a tendência homogênea que alimenta as reações de rejeição do espaço praticado no campo do urbanismo como ferramenta de ação e planejamento das molduras urbanas que tem se constituído como um instrumento de poder, produção de subalternidade, racismo e exclusão.

Algumas dessas motivações ~~diretoras~~ surgem na gênese da modernidade industrial e está diretamente ligada ao fato e a problemática do modelo da sociedade capitalista e a pretensão do campo de estudo de reduzir a fórmulas higienistas que segundo Choay (1965) constituem um sistema antagônico nomeado: Urbanismo Progressista, Culturalista e Naturalista, que têm em comum a fé no progresso e no poder total das técnicas. A cidade contemporânea industrial é um modelo híbrido destes fundamentos teóricos.

Os modelos de produção de cidade e, em consequência, do urbanismo na modernidade industrial, têm sofrido constantemente com críticas à aparente desordem em que sua antítese se manifesta como “a ordem”, presente na estrutura do pensamento monótono de tendência eugenista que, a despeito da pretensão de universalidade científica, tem se mostrado extremamente desigual. Apesar desta afirmação se basear em uma crítica

³ Considera-se aqui como urbanista, a gama multidisciplinar de atores que atuam no planejamento das cidades. Desconsidera o apanágio especialista de Le Corbusier expressa na frase “O urbanista não é outra coisa a não ser o arquiteto”



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

empírica sobre o ambiente urbano das grandes cidades, é necessário destacar a contribuição vinda dos campos da sociologia e filosofia que ampliaram as análises de campo, ainda sem fazer grandes rupturas na estrutura de classes. Porém, a perspectiva aberta na esteira da Escola de Chicago (1920-1930) referida como a primeira importante tentativa de estudo dos centros urbanos combinando a conceitos teóricos e pesquisa de campo de caráter etnográfico, iniciou um processo em 1920, de leitura do ambiente urbano e os conflitos de aglomeração a partir da situação urbana da cidade de Chicago. Este processo então iniciado aborda os estudos em antropologia urbana, em que o "outro" torna-se o "próximo". Estes estudos são de grande relevância na medida em que se apresentaram para a leitura do espaço urbano entendendo a heterogeneidade do ambiente em gênero e raça.

Entretanto, a despeito da grande produção teórica sobre o tema da cidade⁴ e seu modelo atual, persiste o ambiente de extrema desigualdade e inúmeras formas de segregação. Os modelos apresentados até aqui seguem estruturados em uma lógica global entre centro e periferia, remanescentes nas culturas do sul global que foram colonizadas. A colonização significou para o “mundo moderno” -segundo Karl Marx ao descrever a acumulação primitiva- a base fundamental constitutiva do modelo da sociedade contemporânea industrial capitalista, na qual, se utilizou do trabalho não pago de mão de obra majoritariamente negra, obrigando-a deslocamentos forçados a partir do continente africano que segundo, Achille Mbembe⁵, contribuiu para a fabricação de uma multidão de “gente sem lugar”, que em sua maior parte, é na modernidade das cidades Latinas e não obstante no Brasil são deslocadas para as zona da cidade onde predominam o não direito, a morte prematura, a cólera acirrada na organização social e

⁴ Teremos ideia dessa abundância reportando-nos a duas compilações bibliográfica: *Villes nouvelles*, e *elemetes d'une bibiographie annotée* reunidos por J.VIET(Rapport et documents des sciences sociales, nº12, Unesco, Paris 1960) que agrupa mais de 600 títulos, entre os quais os países comunistas fornecem uma contribuição importante; e *Urban Studies A bibliography* publicada em 1963 por R. GUTMAM, professor do Urban Studies Center da Universidade de Rutgers. Nessa Bibliografia, o autor propõe-se a mostrar que a um “numero crescente de urbanistas profissionais (planners), ao invés de concentrar-se na transformação e controle do meio físico, dedicam-se agora a modelar as estruturas sociais e culturais da cidade.

⁵ MBEMBE, A. *Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Trad. Narrativa Traçada. Luanda/Angola: edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2019. p. 26.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

a impiedosa luta pela subsistência, sem escolarização ou assistência da rede pública; privada de qualquer certeza de casar ou constituir uma família. Obviamente este não tem nada a perder, abandonadas dentro da clausura destes espaços; condição na qual em muitas das vezes só é possível escapar através da migração, da criminalidade ou qualquer outro tipo de desobediência civil.

Neste contexto se insere a crítica pós-colonial sobre a situação das cidades perante ao contexto neoliberal e a necessidade de retomar a “questão do ser humano”⁶, levando a sério a missão da desconstrução de saberes que até recentemente, tornaram possíveis a dominação da sociedade colonizadas. Não se pode mais, frente a tal condições de subalternação, pressupor que o futuro partirá da inspiração ou do projeto exógeno a sua forma e heterogeneidade. Neste sentido este pensamento tem sua gênese acompanhada na reflexão dos colonizados sobre eles mesmos, vem seguida a crítica da ortodoxia marxista ao reafirmar sobre projeto colonial, além de um sistema militar-econômico, mas que também era mantido por uma infraestrutura simbólica e imobilizante de todo um aparelho social onde violência era tanto epistêmica quanto física.

Faz parte de um pensamento moderno gestado na África do final do século XIX, de Léopold Sédar Senghor⁷, Frantz Omar Fanon⁸, e tem seu expoente marcado na contemporaneidade por Achille Mbembe⁹. Dentre outros, estes são fontes teóricas de busca do pensamento pós-colonial, afro-britânicos, afro americano e afro-caribenho, tem a formação do continente Americano como unidade de análise e objeto. Na América do Norte podemos encontrar tal corrente em Paul Gilroy, em o Atlântico Negro, objetivado em reescrever a história múltiplas da modernidade no ponto de encontro ente os fatos da Raça e os fatos da classe, encontra bases teóricas na América do Sul em trabalhos

⁶ Fanon, F. (1968). Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira. P.302

⁷ Nascido no Senegal, 1906: Senghor tornou-se o mais renomado dos escritores da Negritude, em primeiro lugar como poeta, depois como presidente da República do Senegal (1960 - 1980).

⁸ Nascido em Fort-de-France, Martinica, 1925– Bethesda, Maryland, 6 de dezembro de 1961. foi um psiquiatra, filósofo e ensaísta marxista francês da Martinica, de ascendência francesa e africana. Suas obras foram inspiradas em mais de quatro décadas de movimentos de libertação anti-coloniais. Analisou as consequências psicológicas da colonização, tanto para o colonizador quanto para o colonizado, e o processo de descolonização, considerando seus aspectos sociológicos, filosóficos e psiquiátricos. É um dos fundadores do pensamento terceiro-mundista.

⁹ Joseph-Achille Mbembe, conhecido como Achille Mbembe, é um filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês. Mbembe nasceu perto de Otélé nos Camarões Franceses em 1957. Obteve seu Ph.D. em história na Universidade de Sorbonne em Paris, França, em 1989.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

organizados por Boaventura de Souza Santos e Maria de Paula Menezes na esteira da Epistemologia do Sul a exemplo exercício teórico de Anibal Quijano¹⁰, cuja ocupação sustenta-se na imposição de uma classificação racial/ética da população mundo, operada em benefício do maior capital econômico, social ou cultural.

É neste contexto que hoje está ativo o debate latino-americano que aponta para uma nova ideia da totalidade histórica social, exposto aqui, com seu núcleo de racionalidade fora do continente europeu propõe a crítica sobre a colonialidade do poder, a heterogeneidade histórica estrutural e abrange todos os mundos de existência social. Somado a isso, e para além de práticas intelectuais no campo da filosofia, o pensamento pós-colonialista se expande na política e na estética (Afrofuturismo¹¹). Não obstante e atento à situação social brasileira e seu contexto colonial, o pensamento moderno centrado no futuro das cidades brasileiras está sendo gestado sobre um novo prisma de cidade que aqui chamaremos de modelo antirracista.

UMA POSSIBILIDADE DE FUTURO PARA AS CIDADES

“Agora, tem algumas novidades. A questão agroecológica, a questão ambiental, a questão da segurança alimentar, a questão de gênero. (...) E acho que, ou a nossa proposta de cidade vai ser antirracista, ou ela não vai ser nova. É fundamental que a gente entenda que, para superar a desigualdade no Brasil, nós temos que superar o preconceito e esse massacre que se faz à população negra, especialmente à mulher negra. Mas, para tudo que isso eu citei, nós temos novos atores já na política, só que muitos de nós não estão enxergando as mulheres negras, a população negra, os jovens na área da cultura. Eu acho que tem muita coisa nova no Brasil que a gente precisa empoderar e reforçar.”¹² Ermínia Maricato

¹⁰ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). Epistemologias do Sul. 2009

¹¹ O afrofuturismo é uma estética cultural, filosofia da ciência, filosofia da história e filosofia da arte que combina elementos de ficção científica. Cunhado por assimilação cultural Mark Dery em 1993 e explorado no final da década de 1990 através de conversas lideradas pela estudiosa Alondra Nelson. O afrofuturismo aborda temas e preocupações da diáspora africana através de uma lente de tecnocultura e ficção científica, abrangendo uma variedade de meios de comunicação e artistas com um interesse compartilhado em imaginar futuros negros que decorrem de experiências afrodiáspóricas. Os trabalhos semi-afrofuturísticos incluem os romances de Samuel Delany e Octavia Butler; as telas de Jean-Michel Basquiat e Angelbert Metoyer, e a fotografia de Renée Cox; os mitos explicitamente extraterrestres dos músicos do coletivo Parliament-Funkadelic, Jonzun Crew, Warp 9, Deltron 3030 e Sun Ra; e os quadrinhos do super-herói Pantera Negra da Marvel Comics. Disponível em <https://www.geledes.org.br/dossie-afrofuturismo-saiba-mais-sobre-o-movimento-cultural/>

¹² Maricato. Ermínia: nas pautas urbanas, possível novo ciclo de lutas, Publicado 16/10/2019 às 13:29 - Atualizado 18/10/2019 às 09:54 entrevistada por **Luís Eduardo Gomes**, no *Sul21* disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/erminia-maricato-nas-pautas-urbanas-possivel-novo-ciclo-de-lutas/>



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

O trecho da reportagem recortada faz parte de uma entrevista dada ao jornalista Luís Eduardo Gomes por Ermínia Maricato, arquiteta, urbanista, professora, pesquisadora e ativista brasileira. É reconhecida por seu trabalho no campo do urbanismo e sua luta pela Reforma Urbana no Brasil. O texto encontra aderência no pensamento teórico da leitura pós-colonial na medida em que se aproxima da pluralidade dos sujeitos sociais. Ainda contribuindo para reconstrução do materialismo histórico rompendo a mais eurocêntrica das versões da heterogênea herança de Marx.

Para Ermínia a cidade do futuro será a cidade antirracista. Porém, ao pensar nesta cidade, como não cometer os erros dos modelos anteriores propostos na crítica de Choay (1965) e como não cair na tentação de fazer desse novo modelo, ainda mais racista? Ou há de ser formulado e defendido o modelo ao qual deverá conter a multiplicidade presente no tecido social urbano e a condição indissociável deste pensamento é a possibilidade de um futuro para todos.

A cidade que virá dependerá das respostas que forem dadas não pelas correntes políticas mais alinhadas à esquerda, tampouco caberá a corrente de direita. A acirrada competição neoliberal nos propõe pensar em uma nova ordem, capaz de estruturar um novo tipo de coesão social, exemplificando tal coesão se diferencia da comparação entre lados, sugiro apenas desta vez fazer diferente, e dizer que se por cima a voracidade do capital financeiro mundial na busca por valores de troca se organiza em torno da privatização do Estado, Por baixo, está presente nos múltiplos sujeitos a crescente demanda por serviços urbanos, mobilidade, saúde e educação, faz perceber que sua identidade é Abaixo, e essa consciência deverá ser resultado de um processo de ruptura, apagamento e reescrita de si. Será preciso fugir do binário cotidiano entre a esquerda e direita e posicionar-se entre o Acima ou o Abaixo para responder a seguinte questão que Mbembe (2019[1957]) levanta: *quem é meu próximo? Como trataremos o inimigo? E o que fazer com o estrangeiro?*

É possível viver perfeitamente em um mundo fetichista, como em um grande teatro de relações inconsistentes, entretanto há aqueles que buscam saber sobre o fundamento



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

das coisas, ou conceitos como sociedade, democracia e Estado, primeiro será preciso dissipar a opacidade que envolve a presença, no Brasil, de cidadãos invisibilizados por mecanismos que produzem cotidianamente as formas de exclusão que nada se justifica para além da questão da raça.

As cidades antirracistas deverão se interessar pelos fenômenos de resistência ao modelo da cidade industrial que marcaram a história das colônias latinas, através das diversas experiências de emancipação de povos que se constituíram em um mundo transnacional e diaspórico. Enfim gerar formas inéditas, sociais e urbanas de modelos híbridos e cosmopolitas, na vida, na política na cultura e na modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDUKI, Nabil. Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula. In: *Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo, n. 1, p. 70–104, 2008. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf>.

CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=5dTCenaTqUC&oi=fnd&pg=PA13&dq=escravos+e+periferia&ots=zHQxeBjbeP&sig=vWJWa2MQDXO2crXybmHun3TXaDo#v=onepage&q=escravos%20e%20periferia&f=false>.

CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: A Política Imperial Rio de Janeiro*. Vértice, 1987

DINIZ, Clelio Campolina. *Celso Furtado e o Desenvolvimento Regional*. Nova Economia_Belo Horizonte, 2009.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo, utopias e realidade, uma antologia*: São Paulo, Perspectiva: 1965.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, Cidades: alternativas para a crise urbana*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2001.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Luanda: Ed. vozes, 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

LUTZ Wolfgang, SANDERSON WARREN, SCHERBOV Sergei, 1997, Doubling of Word Population Unlikely, *Nature*, (387), pp.803-805. MA

ROLNIK, Raquel. "Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro." *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, 17 (1989): 1-17.

SAID, Edward W. "Falar a verdade ao poder", in E. W. Said, *Representações do intelectual, as conferências Reith de 1993*. Cia. das Letras, SP, 2005, p. 89-104. (arquivo pdf: metodol.2019.Said)